

PROPRIEDADES DISCURSIVAS DOS INDEFINIDOS E DOS SINGULARES NUS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO DE PRODUÇÃO^{1*}

*Ohanna Teixeira Barchi Severo^{2**},³*

RESUMO

Este artigo investiga as propriedades referenciais de singulares nus no Português Brasileiro. A literatura sobre referencialidade no Espanhol sugere que indefinidos, mas não singulares nus, podem estabelecer e introduzir novos referentes no discurso. Por essa razão, é sugerido que pronomes podem ser expressões anafóricas de indefinidos, mas não de singulares nus. Apenas DPs plenos podem, por hipótese, ser expressões anafóricas de singulares nus (Oggiani, 2011; Aguilar-Guevara, 2014). Em um estudo de produção, eu investigo se isso acontece no Português Brasileiro. Os resultados sugerem que DPs plenos são as expressões anafóricas preferidas tanto para singulares nus, quanto para indefinidos no Português Brasileiro.

Palavras-chave: Conhecimento compartilhado, Referencialidade, Singulares nus, Semântica.

ABSTRACT

This paper investigates the referential properties of bare singulars in Brazilian Portuguese. The literature on referentiality on Spanish has claimed that indefinites, but not bare nouns, can establish and introduce new referents in the discourse. For that reason, it has been claimed that pronouns can

1 * Esse estudo faz parte da minha dissertação de mestrado na UFRJ (em andamento), financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

2 ** Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: ohannasevero@hotmail.com.

3 Eu gostaria de agradecer a Suzi Lima pela orientação na produção do estudo em questão e também a Ana Lúcia Pessotto pela ajuda com a análise estatística dos dados. Além disso, eu gostaria de agradecer aos revisores anônimos pela revisão cuidadosa e comentários que ajudaram a melhorar o artigo. Por fim, assumo todos os possíveis erros contidos neste artigo e estudo de produção.

be anaphoric to indefinites, but not to bare nouns. Only full DPs are hypothesized to be anaphoric to bare singulars (Oggiani 2011, Aguilar-Guevara 2014). In a production study I investigated whether this holds for Brazilian Portuguese. The results suggest that full DPs were the preferred anaphoric expression for both bare singulars and indefinites in Brazilian Portuguese.

Keywords: Shared knowledge, Referentiality, Bare singulars, Semantics.

1. Introdução

O Português Brasileiro é uma língua românica que possui em seu sistema nominal nomes nus, além de definidos e indefinidos. Nomes nus são sintagmas nominais que estão em posição argumental e apresentam ausência de determinantes encabeçando-os:

(1) Ontem, eu comprei *livro*.

(2) Ontem, eu comprei *livros*.

(Paraguassu, 2010; p. 47 – ex. 47 e 49)

Em (1), é possível verificar que o nome nu *livro* se apresenta na posição argumental de objeto sem marcação morfológica de plural e não possui nenhum determinante antes dele. Esses sintagmas nominais são chamados de nomes singulares nus. Já em (2), vemos que o nome *livros* se apresenta nas mesmas condições que o singular nu no exemplo anterior, mas ele apresenta marcação morfológica de plural. Nesse caso, esses sintagmas nominais são chamados de nomes plurais nus. O foco desse trabalho são os nomes singulares nus contáveis⁴, como em (1).

Chierchia (1998) argumentou que as línguas românicas (a partir de dados do Francês e do Italiano) possuíam seu sistema nominal definido por N/NPs [-arg,+pred], ou seja, nessas línguas todos os nomes são predicados e nomes nus não ocorrem em posição argumental. De acordo com

⁴ Seguindo vasta literatura sobre a distinção contável-massivo em línguas de número marcado como o Português Brasileiro (cf. Chierchia, 1998, 2010; Paraguassu, 2010; Pires de Oliveira e Rothstein, 2011; Pires de Oliveira, 2014; Beviláqua e Pires de Oliveira, 2014; Lima e Gomes, 2016; entre muitos outros), assumirei nesse artigo que nomes contáveis são nomes que podem ser diretamente combinados a numerais e podem ser pluralizados, diferentemente dos massivos que não podem fazer isso, exceto em contextos marcados.

essa análise, para que ocorram nessa posição, os nomes precisariam projetar D para se tornarem um argumento e serem licenciados a ocupar essa posição. No entanto, línguas românicas como o Português Brasileiro apresentam em seus sistemas nominais os nomes singulares nus ocupando a posição argumental, como inicialmente mostrado por Schmitt e Munn (1999). A partir desse fato, surgiram muitos questionamentos na literatura sobre a distribuição de nomes singulares nus em línguas como o Português Brasileiro.

Nesse sentido, muitos pesquisadores da área de semântica formal têm estudado a denotação de nomes singulares nus (Pires de Oliveira, 2014; Oggiani, 2011; Espinal, 2010; Pires de Oliveira e Rothstein, 2011). A literatura sugere que estes nomes podem ter tanto uma leitura contável (por exemplo, em ‘Eu comprei livro’, livro pode ser interpretado como uma cardinalidade de livros) quanto massiva, como no exemplo (3):

(3) Contexto: Maria foi a uma livraria e comprou 50 livros. Maria pode dizer:

Eu comprei *livro*.

(4) Contexto: João está viajando e tem uma enorme quantidade de livros nas mãos. Sua mãe pode fazer a seguinte observação:

É muito *livro* pra você carregar!

(Pires de Oliveira e Rothstein, 2011; p.2172 – ex. 53b)

A literatura (Chierchia, 1998; Pires de Oliveira e Rothstein, 2011; Pires de Oliveira, 2014; entre outros) apresenta dois tipos de nomes massivos, os massivos de substância (como água) e os massivos de objeto (como *mobília*⁵). Os nomes massivos de objeto são naturalmente atômicos

5 Em Inglês, nomes massivos de substância, como *water* ‘água’, e nomes massivos de objeto, como *furniture* ‘mobília’, possuem a mesma distribuição sintática (Bale e Barner, 2009; p. 229 – exemplo 24):

a. *Esme has some *furnitures*.

*Esme tem algumas *mobílias*.

b. *Those *furnitures* belong to Esme.

*Aqueles *mobílias* pertencem à Esme.

c. *She has many *furnitures*.

(uma vez que possuem em sua denotação peças individuais – como ‘cadeira’, ‘mesa’ e ‘sofá’) e se combinam com predicados distributivos e recíprocos, enquanto nomes massivos de substância (como ‘ouro’ em ‘*Ouro pesa duas gramas.’ – Pires de Oliveira e Rothstein, 2011; p.2155 – ex. 3) não são naturalmente atômicos (uma vez que não possuem a unidade como estrutura inerente às suas denotações) (Rothstein, 2010a,b). Autores como Pires de Oliveira e Mendes de Souza (2013) argumentaram que em construções comparativas nomes massivos de objeto licenciam dois tipos de dimensão de comparação: cardinalidade e volume (5a). Pires de Oliveira e Rothstein (2011) argumentam que nomes nus singulares no Português Brasileiro assemelham-se a nomes massivos de objeto e, nesse sentido, também licenciam duas dimensões de comparação (cardinal e volume, 5b):

(5) a. Tem muita *mobília* nesse caminhão. (cardinal^{ok}, volume^{ok})

b. Tem muito *menino* nesse elevador. (cardinal^{ok}, volume^{ok})

(Pires de Oliveira e Mendes de Souza 2013; p.38 – ex. 14 e 13)

Em vista disso, uma questão que recebeu menos atenção na literatura de singulares nus no Português Brasileiro é como eles se comparam com indefinidos no nível do discurso. Espinal (2010) propõe que singulares nus denotam propriedades de espécie (do inglês, *properties of kinds*), ao invés de denotarem indivíduos no mundo. Em outras palavras, nesta proposta teórica, singulares nus não se referem especificamente a entidades no mundo e, por isso, não introduzem referentes discursivos por eles mesmos. Por outro lado, como Heim (1982) e Kamp (1981) enfatizam, indefinidos introduzem novos referentes no discurso porque se referem a entidades no mundo. A partir disso surgiu o questionamento deste trabalho sobre a capacidade ou não dos singulares nus no Português Brasileiro se referirem a entidades no conhecimento compartilhado do discurso. Veremos na próxima seção o que diz a literatura sobre a capacidade de referencialidade dos singulares nus e dos indefinidos e suas propriedades no discurso baseadas em estudos sobre o Espanhol, Holandês e Português Brasileiro (Heim, 1982; Espinal, 2010; Oggiani, 2011; Aguilar-Guevara, 2014; entre outros).

*Ela tem muitas mobílias.’

d. *She has five furnitures.

*Ela tem cinco mobílias.’

(Bale e Barner, 2009; p. 229 – ex.24)

Ambos os tipos de nomes não podem ser pluralizados (1a-d), nem combinados com quantificadores contáveis (1c) ou com numerais (1d).

2. Capacidade dos nomes de estabelecer referentes no discurso

A literatura sugere que o valor semântico das sentenças é dado não só pelo valor de verdade, mas também pelo potencial desse valor de mudar o conhecimento compartilhado a respeito da avaliação das sentenças produzidas pelos participantes de uma conversa (Heim, 1982; Kamp, 1981). O conhecimento compartilhado é o conjunto das informações que os participantes de uma mesma conversa compartilham. Essas informações podem ser dadas linguisticamente, pressupostas ou podem ser produto da vivência dos falantes, e são conhecimentos de mundo, crenças, premissas que os participantes tenham adquirido ao longo da vida. Conforme a conversação evolui, o conhecimento compartilhado dos seus participantes evolui junto, por conta das informações e referentes novos inseridos pelos próprios participantes.

Portanto, as teorias dinâmicas sugerem que os significados dos sintagmas que constituem uma sentença sejam definidos não só pelas suas denotações, como também pelas suas contribuições para atingir o potencial de modificar o conhecimento compartilhado de seus participantes. Por isso, o valor semântico de um sintagma nominal inclui a sua capacidade de estabelecer referentes no conhecimento compartilhado do discurso. Sintagmas definidos e indefinidos são capazes de estabelecer referentes no discurso porque denotam entidades no mundo. No caso dos sintagmas indefinidos, eles introduzem novos referentes, enquanto sintagmas definidos retomam referentes familiares aos participantes. No que diz respeito aos singulares nus, alguns autores sugerem que estes sintagmas não são capazes de estabelecer referentes no discurso porque denotam propriedades de espécie e não entidades (Espinal, 2010).

Como método de verificação (cf. Oggiani, 2011; Aguilar-Guevara, 2014), os pronomes anafóricos são utilizados para se referirem a entidades que já fazem parte do conhecimento compartilhado discursivo. Eles servem para verificar a capacidade de referencialidade dos sintagmas nominais, e só fazem referência a um sintagma nominal que introduza um referente (6) ou que retome um referente familiar (7):

(6) a. No outro dia, eu descobri *um restaurante Afegão*_i no meu bairro. Ontem, eu fui *nele*_i e *o*_i adorei.

b. No outro dia, eu descobri *um restaurante Afegão*_i no meu bairro. Ontem, eu fui *nele*_i e adorei *ele*_i.

(7) a. No outro dia, eu descobri *um restaurante Afegão_i* e um bar Inglês no meu bairro. Ontem, eu fui ao *restaurante_i* e *o_i* adorei.

b. No outro dia, eu descobri *um restaurante Afegão_i* e um bar Inglês no meu bairro. Ontem, eu fui *ao restaurante_i* e adorei *ele_i*.

(Tradução livre de Aguilar-Guevara, 2014; p.166 – ex. 328 e 329) ⁶

Dessa maneira, indefinidos e definidos são expressões que estabelecem referentes no discurso. Verifica-se isso pelo fato de eles poderem ser retomados por expressões anafóricas, como pronomes⁷ (6) e sintagmas determinantes (7).

O quadro 1 sintetiza a capacidade de definidos, indefinidos e singulares nus de estabelecerem referentes no discurso:

Quadro 1. Capacidade de referencialidade discursiva de definidos, indefinidos e singulares nus

Características:	Estabelece referentes de conhecimento compartilhado	Introduz novos referentes	Refere-se a referentes familiares ⁶	Pronomes anafóricos fazem referência
Sintagmas indefinidos	Sim	Sim	Não	Sim
Sintagmas definidos regulares	Sim	Não	Sim	Sim
Sintagmas singulares nus	?	?	?	?

Seguindo a correlação existente entre diferentes classes de expressões anafóricas e o nível

⁶ Os exemplos utilizados por Aguilar-Guevara (2014) estão originalmente em Inglês:

The other day I discovered an Afghan restaurant_i in my neighborhood. Yesterday I tried it_i and I loved it_i.

The other day I discovered an Afghan restaurant_i and an English pub in my neighborhood. Yesterday I tried the restaurant_i and I loved it_i.

⁷ No Português Brasileiro, utilizam-se pronomes clíticos em posição de objeto como em (6a e 7a) na linguagem mais formal (como a escrita) e pronomes sujeitos (ou lexicais) em posição de objeto como em (6b e 7b) na linguagem mais informal (como a oralidade) (Galves, 1984). Ambas as formas são utilizadas, embora os pronomes sujeitos sejam mais utilizados em posição de objeto do que os pronomes clíticos nessa posição. Desta forma, as duas formas foram consideradas nesse estudo como ‘pronomes’.

⁸ Neste projeto, o conceito de familiaridade atribuído aos nomes é o proposto por Heim (1982).

de acessibilidade de seus antecedentes, quanto mais reduzida for a expressão anafórica (como os pronomes), mais suscetível de se referir a um antecedente de alto valor acessível ao conhecimento compartilhado ela será. E quanto mais completa for a expressão anafórica (como os DPs plenos), ela será menos suscetível de se referir a referentes mais acessíveis ao conhecimento compartilhado dos falantes:

(8) NULOS > PRONOMES > DEMONSTRATIVOS > DEFINIDOS

Referentes altamente acessíveis

Referentes não-acessíveis

(Kaiser e Vihman, 2006; p.2 – ex. 1)⁹

Nesses parâmetros, o sintagma indefinido *um restaurante Afegão* em (6) é um referente mais acessível do que o mesmo sintagma em (7). Isso acontece porque, em (6), o sintagma é retomado por um pronome, expressão anafórica utilizada para referentes altamente acessíveis; enquanto que, em (7), o sintagma é retomado por um sintagma definido, que é uma expressão anafórica utilizada para referentes não-acessíveis. Desse modo, no âmbito discursivo, o mesmo sintagma é mais acessível em (6) do que em (7).

Entretanto, de acordo com as minhas pesquisas, para o melhor do meu conhecimento, ainda não foi verificado no Português Brasileiro se singulares nus estabelecem ou não referentes no discurso e, por isso, podem ou não ser retomados anaforicamente por pronomes. Portanto, o objetivo específico desse trabalho é verificar o potencial de referencialidade dos singulares nus no Português Brasileiro. Espera-se que singulares nus nessa língua possam ser retomados anaforicamente por DPs plenos, como em (9):

(9) Sabrina precisou alugar *apartamento*_i no Leblon. Depois de muito procurar, Sabrina encontrou *o apartamento*_i.

Em suma, a literatura sugere que definidos e indefinidos são capazes de estabelecer referentes no discurso e isso pode ser atestado pela correlação desses sintagmas nominais com expressões anafóricas

9 O nível de acessibilidade de um referente é determinado por inúmeros fatores (Kaiser, 2000; entre outros). Discutir esses fatores está além do escopo deste trabalho, que é verificar a presença ou ausência de referentes discursivos, e não nível de acessibilidade dos referentes. A escala foi utilizada para que o leitor compreenda que quanto maior a acessibilidade dos referentes, menos completa a expressão anafórica precisará ser.

de referentes altamente acessíveis (como pronomes). No entanto, por hipótese, singulares nus parecem não estabelecer referentes discursivos porque não se referem a entidades, e, conseqüentemente, também parecem não servirem como referentes anafóricos de expressões como pronomes, que fazem referência a sintagmas altamente acessíveis, mas sim de expressões como DPs plenos, que fazem referência anafórica a sintagmas menos acessíveis. A partir disso, Oggiani (2011) montou um experimento para o Espanhol do Uruguai com o intuito de verificar essa falta de referencialidade dos singulares nus. Veremos na próxima seção o estudo feito pela autora.

2.1 Estudo experimental sobre referencialidade de singulares nus no Espanhol

Oggiani (2011) realizou um estudo de felicidade no Espanhol falado no Uruguai, que é uma língua românica, visando verificar a capacidade de singulares nus nessa língua de estabelecerem referentes no discurso. Nesse estudo, a autora sugeriu que singulares nus eram menos aptos a introduzir referência a uma entidade no discurso, porque eles se referem a propriedades de indivíduos e não a espécies, e, além disso, parecem ser não-referenciais e possuem a falta de uso dêitico (Espinal e McNally, 2009; Espinal, 2010).

Para tanto, a autora utilizou indefinidos e singulares nus no seu estudo com o Espanhol Uruguaio. Oggiani (2011) teve como predições, a partir da escala de acessibilidade proposta por Kaiser e Vihman, 2006 (apresentada em 8), que pronomes eram mais sujeitos a se referirem anaforicamente a indefinidos por conta de suas propriedades referenciais, e que sintagmas definidos plenos eram mais sujeitos a se comportarem como expressões anafóricas de singulares nus, uma vez que esses nomes são menos acessíveis referencialmente.

O estudo consistiu em uma sentença com o sintagma nominal alvo, seguida de uma sentença incompleta, na qual o falante deveria completar com uma das opções dadas (uma sentença com um sintagma definido pleno que continha o mesmo nome testado no sintagma alvo (10a); um sinônimo do sintagma nominal alvo, precedido de um determinante definido (10b); um clítico acusativo (10c)):

(10) Berta alquiló *apartamento*. En un día...

‘Berta alugou apartamento. Em um dia...’

a. pintó *el apartamento* para mudarse lo antes posible.

‘pintou o apartamento para se mudar assim que possível.’

b. pintó *el piso*¹⁰ para mudarse lo antes posible.

‘pintou o apartamento para se mudar assim que possível.’

c. *lo* pintó para mudarse lo antes posible.

‘o pintou para se mudar assim que possível.’

(Oggiani 2011; p. 59 – Apêndice 2)

Como resultados para esse estudo, Oggiani (2011) não encontrou nenhuma diferença significativa entre as propriedades referenciais discursivas dos indefinidos e dos singulares nus para o Espanhol Uruguaio. Em ambos os casos, os participantes escolheram mais a terceira opção, com o clítico acusativo (10c), para preencher a lacuna. A autora sugere que isso possa ter acontecido por conta de uma estratégia de reciclagem do clítico, que também ocorre no Catalão. Essa estratégia consiste na interpretação dos pronomes clíticos como estruturas partitivas em construções com singulares nus, utilizando o clítico com uso menos marcado para preencher a lacuna (como em *Las mujeres estaban en la pista, pero los hombres no* [_{clítico abstrato}] *estaban* ‘As mulheres estavam na pista de dança, mas os homens não estavam’ – Oggiani, 2011; p.14, ex. 14).

Por conta disso, Oggiani (2011) realiza um segundo estudo: uma tarefa de produção, que objetiva atestar a falta de referencialidade dos singulares nus no Espanhol. Nesse estudo, o falante recebeu instruções para produzir um pequeno texto narrativo utilizando uma expressão específica explicitada pela autora (como *tener casa* ‘ter/possuir casa’ ou *llevar una chaqueta* ‘vestir um casaco’). Essa expressão continha um sintagma indefinido ou um singular nu e não poderia ser alterada, nem ter a inserção de nenhum termo no seu interior. Os resultados desse estudo nos mostram que indefinidos foram mais retomados por expressões anafóricas altamente acessíveis, como pronomes, expressões nulas e demonstrativos (por exemplo: *Pensó en llevar una chaqueta leviana, que* [_{pronome nulo}] *no ocupara demasiado sitio* ‘Pensou em levar um casaco fino, que não ocuparia tanto espaço’ – Oggiani, 2011;

10 Oggiani (2011) utiliza *el piso* como sinônimo de *el apartamento* ‘o apartamento’ para o Espanhol Uruguaio em um de seus estudos.

p.48, ex. 62), e que singulares nus foram mais retomados por expressões anafóricas menos acessíveis, como DPs plenos (por exemplo: *En esta ciudad es muy difícil alquilar garage para tu carro. Para alquilar garage te piden copia de tu pasaporte.* ‘Nesta cidade, é muito difícil conseguir vaga para o seu carro. Para conseguir vaga, te pedem cópia do seu passaporte.’ – Oggiani, 2011; p.51, ex. 74), o que atesta as predições de Oggiani (2011).

Dessa forma, Oggiani (2011) sugere que singulares nus no Espanhol são expressões não-referenciais e podem ser retomados por expressões anafóricas mais completas, o que atesta sua característica de não se referirem a entidades no discurso. Por outro lado, indefinidos são expressões referenciais e podem ser retomadas por expressões anafóricas menos completas, como pronomes, atestando a possibilidade de se referirem a entidades no discurso.

Além disso, Oggiani (2011) observa que, no Espanhol, singulares nus só podem ocupar a posição argumental de objeto (11) e apresentam uma restrição verbal: só podem ocorrer quando combinados com verbos de posse (como alquilar ‘alugar’, tener ‘ter/possuir’, comprar ‘comprar’, llevar ‘usar/vestir’, etc) (12):

(11) a. **Niño* vive en la montaña.

‘Menino vive na montanha.’

b. Juan tiene *auto*.

‘Juan tem um carro.’

(12) a. Juan lleva *sombrero*.

‘Juan usa um chapéu.’

b. *Juan rompió *vaso*.

‘Juan quebrou um copo.’

(Oggiani, 2011; p. 7 e 10 – ex. 4, 5 e 13)

No entanto, singulares nus no Português Brasileiro parecem poder ocupar qualquer posição argumental (de sujeito e de objeto) e serem utilizados como argumento de qualquer verbo:

(13) a. *Criança* joga bola.

b. João comprou *livro*.

(Pires de Oliveira, 2014; p. 18 – ex. 3 e 5.2)

Visto isso, este presente trabalho visa a verificar as propriedades discursivas de singulares nus no Português Brasileiro por meio de um estudo de produção, baseado no estudo de Oggiani (2011), que procura atestar a possível falta de referencialidade dos singulares nus nessa língua. Além disso, visa também a verificar se existe alguma restrição verbal na combinação de verbos de posse e não-posse com singulares nus em posição argumental. Essa questão surge do trabalho de Oggiani (2011) feito para o Espanhol porque, nessa língua, singulares nus somente podem aparecer em estruturas com verbos de posse (como em 12a). No Português Brasileiro, a literatura não possui uma discussão sobre a restrição de singulares nus em relação à combinação com outros tipos de verbos. Em vista disso, este trabalho também visa a verificar se essa restrição verbal ocorre no Português Brasileiro com esses nomes.

3. Estudo de produção

Com o intuito de analisar a escolha dos falantes nativos do Português Brasileiro acerca das expressões anafóricas para singulares nus no âmbito da referencialidade discursiva, foi feito um estudo de produção, que será explicado nesta seção.

Esta seção está dividida em seis subseções que descrevem mais detalhadamente o estudo: na primeira, está descrita a hipótese utilizada como base para o desenvolvimento do estudo de produção; na segunda, está descrito o perfil dos participantes desse estudo; na terceira, foram detalhados os materiais utilizados nas listas feitas; na quarta, foi descrito o método utilizado no estudo em questão; na quinta, estão descritas as predições para esse estudo; e, por fim, a sexta subseção apresenta os resultados obtidos a partir do estudo realizado.

3.1 Hipótese

Seguindo a literatura como vimos na seção 2, uma vez que nomes singulares nus, segundo Espinal (2010), denotam propriedades de espécie e não entidade, minha hipótese é de que singulares nus não irão estabelecer referentes de conhecimento compartilhado no discurso.

3.2 Participantes

Os participantes deste estudo foram 40 falantes (homens e mulheres) do Português Brasileiro com idade entre 20 e 56 anos, que residem no Rio de Janeiro, estado do Brasil. Não houve um número significativo de participantes de outra variação dialetal (apenas dois participantes cresceram fora do Rio de Janeiro – um no Ceará e outro em São Paulo – mas todos moram atualmente no Rio de Janeiro). Portanto, considerou-se, nesse estudo em questão, a variação dialetal do Rio de Janeiro do Português Brasileiro.

3.3 Materiais

O estudo de produção em questão possuiu design 2x2 com duas variáveis (tipo de nome e de verbo¹¹). Cada variável possuiu dois níveis cada uma: singulares nus e indefinidos para a variável tipo de nome, e posse e não-posse para a variável tipo de verbo. As condições foram as seguintes: singulares nus combinados a verbos de posse, singulares nus combinados a verbos de não-posse, indefinidos combinados a verbos de posse, e indefinidos combinados a verbos de não-posse.

Como materiais desse estudo, foram feitas quatro listas contendo 24 sentenças cada uma. Cada lista apresentou 18 sentenças distratoras e 6 sentenças-alvo. Na lista 1, as sentenças-alvo continham singulares nus combinados a verbos de posse na primeira sentença (13); na lista 2, continham indefinidos combinados a esses mesmos tipos de verbos na primeira sentença (14); na lista 3, continham singulares nus combinados a verbos de não-posse na primeira sentença (15); e na lista 4, continham indefinidos combinados a esses mesmos tipos de verbos na primeira sentença (16). As lista 1 e 2 foram feitas de forma quase idêntica com exceção dos sintagmas nominais utilizados, porque na lista 1 foram utilizados singulares nus nas sentenças-alvo, e na lista 2 foram utilizados indefinidos nessas mesmas sentenças. O mesmo ocorreu com as listas 3 e 4, mas nas duas primeiras listas os

11 Para definir o tipo verbal (de posse e de não-posse), seguiu-se o dicionário Houaiss e o dicionário de verbos online da Márcia Cançado (<http://www.lettras.ufmg.br/verboweb/>).

verbos eram de posse e nas duas últimas os verbos eram de não-posse.

(14) Maria alugou **carro** no Rio de Janeiro. Em uma semana, Maria¹²:

(devolver) _____.

(15) Maria alugou **um carro** no Rio de Janeiro. Em uma semana, Maria:

(devolver)

(16) Mariana aplicou **prova** na escola. Quando o sinal tocou, Mariana:

(distribuir) _____.

(17) Mariana aplicou **uma prova** na escola. Quando o sinal tocou, Mariana:

(distribuir) _____.

A quantidade significativa de distratoras serviu para desviar a atenção do participante quanto à tarefa de retomada dos sintagmas nominais testados. Portanto, foram utilizados somente definidos regulares e verbos transitivos indiretos, como em (18). As distratoras eram parecidas entre si para que o participante não descobrisse o que estava sendo testado no estudo, mas elas eram diferentes dos itens-alvo porque possuíam tipos de nome e de verbos diferentes. Nessas sentenças, o participante deveria escrever uma sentença com um conselho sobre o que o personagem deveria fazer na ocasião descrita, utilizando o verbo dado entre parênteses em cada item:

(18) Marina necessitou de vestido para o casamento dela. O que Marina deveria fazer?

(ir) _____.

As descrições sobre o método utilizado estão detalhadas na próxima subseção.

12 Nesse estudo em questão, não foi controlado o uso do mesmo nome próprio em posição de sujeito. Em todas as sentenças testadas, o nome próprio em posição de sujeito utilizado na primeira sentença foi repetido na segunda sentença. Dessa forma, o fenômeno “penalidade do nome repetido” (Leitão, Ribeiro e Maia, 2012) pode ter gerado um estranhamento nos participantes, uma vez que a sentença possa ter soado formal demais. Não foi controlado esse fator neste estudo de produção, mas ele será levado em conta para um próximo estudo.

3.4 Método

O estudo de produção foi feito de forma *off-line* por meio de questionários feitos no Formulários Google, com design *between subjects*, ou seja, os participantes tiveram acesso apenas a uma única condição e lista. Em cada lista houve um parágrafo explicando explicitamente o que o falante deveria fazer ao longo do estudo. Em cada item havia duas sentenças, sendo a primeira a sentença com o sintagma nominal alvo (com o singular nu ou com o indefinido) a ser retomado combinado com o verbo de posse ou de não-posse, e a segunda sentença deveria ser completada pelo falante, de acordo com a sua própria intuição, com um verbo entre parênteses que descrevia a ação. O falante deveria utilizar o verbo sugerido e a imagem dada em cada item como recursos para completar a segunda sentença, como em:

(19) Maria alugou apartamento no Rio de Janeiro. No dia seguinte, a Maria:

(pintar)_____.



(Exemplo de verbo de posse (alugar) + nome nu)

De outra forma, as sentenças distratoras foram compostas por uma sentença declarativa com definido e verbo transitivo indireto, seguida de uma sentença interrogativa, na qual questionava o que o sujeito da frase deveria fazer na situação descrita. O falante deveria utilizar o verbo entre parênteses e a imagem que descrevia a ação para responder o que o personagem deveria fazer, como em:

(20) Simone gostou de uma blusa da loja nova. O que Simone deveria fazer?

(comprar)_____.



(Exemplo de distratora)

Todas as sentenças, tanto críticas, quanto distratoras, foram seguidas de verbos entre parênteses que indicavam o verbo que o falante deveria utilizar em sua resposta, e de uma imagem que descrevia a ação do personagem em cada item.

As previsões para este estudo estão descritas na próxima subseção.

3.5 Previsões

Considerando a hipótese acerca uma possível correlação existente entre diferentes classes de expressões anafóricas e o nível de acessibilidade de seus antecedentes, tal como descrito na seção 2, as previsões deste estudo foram:

1. Esperava-se que os indefinidos apresentados nas sentenças-alvo fossem retomados por pronomes (clíticos tal como 'o' ou sujeitos tal como 'ele' em 'Maria alugou um apartamento no Rio de Janeiro. No dia seguinte, a Maria o pintou/pintou ele.')

1984). Portanto, as respostas dos participantes neste estudo de produção que contiveram ambos os tipos de pronomes foram consideradas como ‘pronomes’, já que ambos os tipos de pronome (clíticos e sujeitos) são referentes altamente acessíveis de acordo com a escala exposta em (8);

2. Esperava-se que os singulares nus apresentados nas sentenças-alvo fossem retomados por expressões plenas (como DPs plenos tal como ‘o apartamento’ em ‘Maria alugou apartamento no Rio de Janeiro. No dia seguinte, a Maria pintou o apartamento.’) nas sentenças completadas pelos participantes.

O quadro 2 resume as previsões:

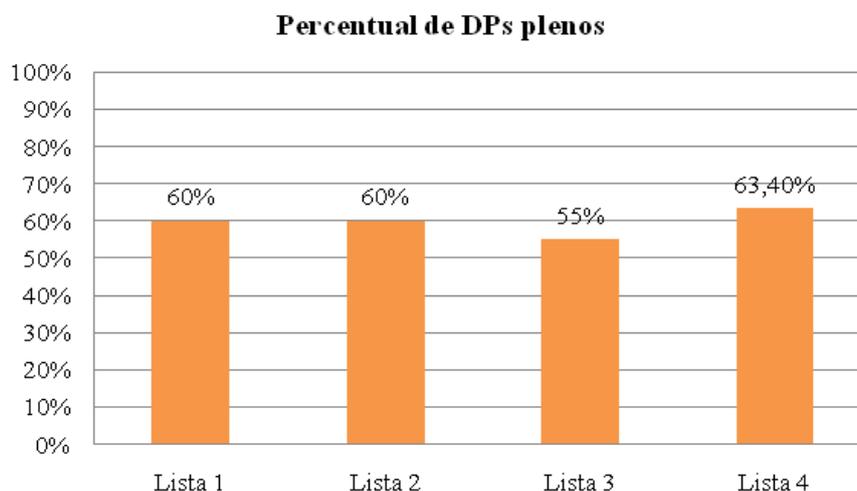
Quadro 2. Previsões de respostas para o estudo de produção.

Tipo de sentença	Resposta esperada
Singular nu + verbo de posse	DPs plenos
Indefinido + verbo de posse	Pronomes (clíticos ou sujeitos)
Singular nu + verbo de não-posse	DPs plenos
Indefinido + verbo de não-posse	Pronomes (clíticos ou sujeitos)

3.6 Resultados

Os resultados encontrados foram postos em forma de gráfico (cf. gráfico 1, 2 e 3) para facilitar a compreensão dos dados. Abaixo do gráfico 1, segue uma tabela que serve de legenda para as variáveis independentes de cada lista utilizada:

Gráfico 1. Porcentagem de DPs plenos por lista.



Quadro 3. Legenda do gráfico com variáveis independentes de cada lista.

Lista 1: Singulares nus + verbos de posse
Lista 2: Indefinidos + verbos de posse
Lista 3: Singulares nus + verbos de não-posse
Lista 4: Indefinidos + verbos de não-posse

A título de recordação, DPs plenos eram a opção esperada de anáforas para singulares nus.

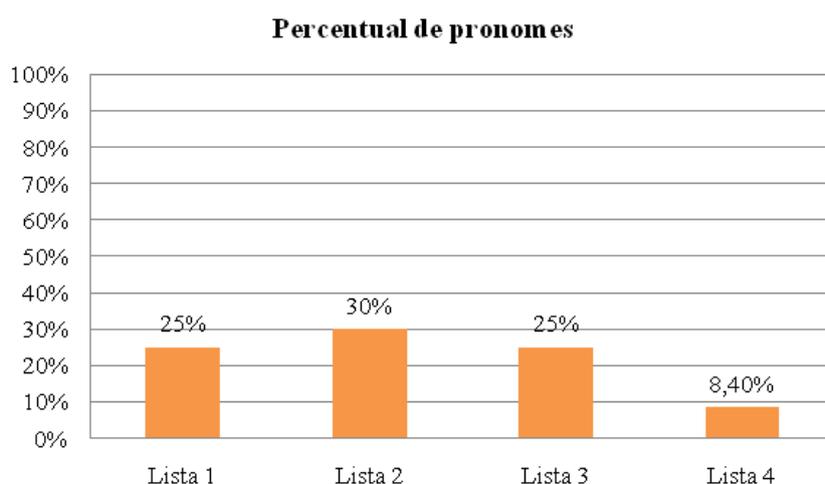
Como é possível verificar, na lista 1, singulares nus foram retomados 60% das vezes por sintagmas DPs plenos (21); na lista 2, indefinidos foram retomados 60% das vezes por sintagmas DPs plenos (22); na lista 3, singulares nus foram retomados 55% das vezes por esse mesmo tipo de sintagma (23); e na lista 4, indefinidos foram retomados 63,4% das vezes por esses sintagmas (24).

(21) João comprou vaso em São Paulo. No mesmo dia, João quebrou **o vaso**.

(22) Carlos procurou *um boné* pela casa. Após duas horas, Carlos encontrou **o boné**.

(23) Pedro protegeu *arquivo* no computador. Depois de muito pensar, Pedro excluiu **o arquivo**.

(24) Rafael esqueceu *uma toalha* no quarta. Quando foi tomar banho, Rafael buscou **a toalha**.

Gráfico 2. Porcentagem de pronomes por lista.

Além disso, os participantes utilizaram pronomes para retomar os sintagmas alvos: na lista

1, singulares nus foram retomados por pronomes 25% das vezes (25); na lista 2, indefinidos foram retomados por pronomes 30% das vezes (26); na lista 3, singulares nus foram retomados por essas expressões anafóricas 25% das vezes (27); e na lista 4, indefinidos foram retomados 8,4% das vezes por pronomes (28).

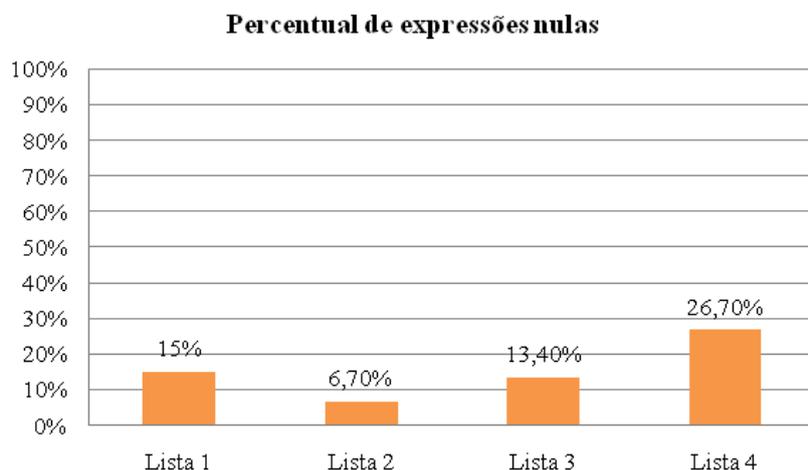
(25) João comprou vaso em São Paulo. No mesmo dia, João **o** quebrou.

(26) Carlos procurou *um boné* pela casa. Após duas horas, Carlos **o** encontrou.

(27) Pedro protegeu *arquivo* no computador. Depois de muito pensar, Pedro **o** excluiu.

(28) Rafael esqueceu *uma toalha* no quarta. Quando foi tomar banho, Rafael **a** buscou.

Gráfico 3. Porcentagem de expressões nulas por lista.



Por fim, os participantes utilizaram expressões nulas para retomar os sintagmas alvos: na lista 1, eles utilizaram 15% das vezes essas expressões para retomar singulares nus (29); na lista 2, indefinidos foram retomados por expressões nulas 6,7% das vezes (30); na lista 3, singulares nus foram retomados 13,4% das vezes por essas expressões (31); e na lista 4, indefinidos foram retomados 26,7% das vezes por expressões nulas (32).

(29) João comprou *vaso* em São Paulo. No mesmo dia, João quebrou [_{nulo}].

(30) Carlos procurou *um boné* pela casa. Após duas horas, Carlos encontrou [_{nulo}].

(31) Pedro protegeu *arquivo* no computador. Depois de muito pensar, Pedro excluiu [_{nulo}].

(32) Rafael esqueceu *uma toalha* no quarta. Quando foi tomar banho, Rafael buscou [_{nulo}].

De acordo com a análise estatística feita no programa ANOVA, não houve significância em relação à variável tipo de nome ($\chi^2=0,1529$, $p=0,6958$ ($p>0,05$)), nem em relação à variável tipo de verbo ($\chi^2=2,3788$, $p=0,123$ ($p>0,05$)). Além disso, também não foi observada significância entre a interação das variáveis nome e verbo ($\chi^2=0,4719$, $p=0,4921$ ($p>0,05$)). A seguir (na seção 4), a discussão dos resultados obtidos nesse estudo de produção será apresentada.

4. Discussão

A expectativa inicial era de que indefinidos seriam preferencialmente retomados por pronomes que são expressões anafóricas altamente acessíveis. No entanto, os resultados das listas 2 e 4 do estudo de produção feito com falantes nativos do Português Brasileiro não foram os mesmos que os preditos pela literatura (Oggiani, 2011; Aguilar-Guevara, 2014). Tanto nas listas onde indefinidos eram combinados a verbos de posse (no caso da lista 2), quanto nas listas onde indefinidos eram combinados a verbos de não-posse (no caso da lista 4), DPs plenos foram as expressões anafóricas preferidas.

De outra maneira, singulares nus contidos nas listas 1 e 3 combinados a verbos de posse e de não-posse, respectivamente, obtiveram como resultado 60% para a lista 1 e 55% para a lista 3, como média de porcentagem das respostas com DPs plenos como expressões anafóricas dadas pelos falantes nativos da língua em questão para os itens contidos nessas listas.

Os resultados deste estudo de produção mostram que não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre singulares nus e indefinidos. Em estudos de compreensão (Severo, 2018) foi observado que ambas as expressões podem ser igualmente retomadas por pronomes. Logo, não parece haver, no que diz respeito à retomada de argumentos no discurso, uma diferença entre singulares nus e indefinidos.

Também gostaria de ressaltar que a preferência por DPs plenos, no caso do Português Brasileiro, não deve ser analisada como evidência de que indefinidos e singulares nus não introduzem referentes no discurso. Existe ampla evidência, no caso dos indefinidos, que eles podem introduzir referentes no discurso (Heim, 1982; Kamp, 1981). Dessa forma, os indefinidos podem ser retomados por DPs plenos e por pronomes. Portanto, de acordo com as hipóteses de Oggiani (2011) e Aguilar-Guevara

(2014), indefinidos deveriam ser retomados por pronomes, como no exemplo (6) repetido abaixo como (33):

(33) a. No outro dia, eu descobri *um restaurante Afegão*_i no meu bairro. Ontem, eu fui nele_i e o_i adorei.

b. No outro dia, eu descobri *um restaurante Afegão*_i no meu bairro. Ontem, eu fui *nele*_i e adorei *ele*_i.

(Tradução livre de Aguilar-Guevara, 2014; p.166 – ex. 328)

Talvez a forte preferência, em um estudo de produção, por DPs plenos, se deva ao fato de que o Português Brasileiro é uma língua que apresenta certa proeminência discursiva. Ou seja, é possível que haja no Português Brasileiro sujeitos duplos que emergem em uma sentença fora de contexto, mostrando que essa língua não é uma língua de topicalização como a Língua Francesa (Costa, 2010). Dessa forma, na sentença ‘[Toda criança]_i ela_i aprende rápido a gostar de coca-cola.’ existe um redobro de sujeitos em que o antecedente ‘toda criança’ do pronome ‘ela’ insere uma informação discursiva nova (Costa, 2010; p.126, ex. 1c). É possível que assim como a proeminência discursiva seja um fator que desencadeia o uso de preenchimento da posição de sujeito, mesmo em contextos onde se esperaria sujeitos nulos, seja também a motivação para preenchimento do objeto com DPs plenos. Portanto, é provável que os resultados do estudo de produção, que apontaram uma maior preferência dos participantes em retomarem singulares nus e indefinidos por meio de DPs plenos, devam-se pelas características do Português Brasileiro explicitadas acima.

Em um primeiro momento, seria possível dizer que esses resultados corroboram parcialmente a hipótese de Espinal (2010), porque a autora afirma que singulares nus parecem não poder estabelecer referentes no discurso, uma vez que são sintagmas que se referem a propriedades de espécie do indivíduo. Porém, os resultados também demonstraram que 25% das respostas dadas pelos falantes contiveram pronomes como expressões anafóricas para singulares nus, o que seria inesperado segundo Espinal (2010), já que esse tipo de expressão anafórica só é utilizado com referentes altamente acessíveis.

Desta forma, esse trabalho, contribuiu com a discussão acerca da possibilidade de singulares nus estabelecerem referentes de conhecimento compartilhado no discurso. Em relação à hipótese que motivou o estudo de produção feito com falantes nativos do Português Brasileiro, pode-se concluir que, aparentemente, tanto singulares nus quanto indefinidos podem ser retomados por pronomes e DPs

plenos. Uma vez que indefinidos são capazes de introduzir referentes no discurso e que os resultados apontam similaridades discursivas entre indefinidos e singulares nus, não há razão para dizer, apenas com os resultados deste estudo de produção, que singulares nus não introduzem referentes no discurso.

REFERÊNCIAS

Aguilar-Guevara, A. (2014). *Weak definites. Semantics, lexicon and pragmatics*. LOT.

Bale, A. C., & Barner, D. (2009). The interpretation of functional heads: Using comparatives to explore the mass/count distinction. *Journal of Semantics*, 26(3): 217-252.

Beviláqua, K. & Pires de Oliveira, R. (2014). Brazilian bare phrases and referentiality: evidences from an experiment. *Revista Letras*, 90: 253-275.

Cançado, M.; Amaral, L.; Meirelles, L.; e colaboradores. (2017). Banco de Dados Lexicais VerboWeb: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro. UFMG.

Chierchia, G. (1998). Reference to kinds across language. *Natural language semantics*, 6(4): 339-405.

_____ (2010). Mass nouns, vagueness, and semantic variation. *Synthese*, 174: 99-149.

Costa, J. (2010). PB e PE: orientação para o discurso importa?. *Estudos da língua(gem)*, 8(1): 123-143.

Espinal, M. T., & McNally, L. (2009). Characterizing 'have' predicates and indefiniteness. *Arbeitspapier Nr. 124*: 27-43.

Espinal, M. (2010) Bare nominals in Catalan and Spanish. Their structure and meaning. *Lingua* 120(4): 984-1009.

Galves, C. M. C. (1984). Pronomes e categorias vazias em português do Brasil. *Cadernos de estudos linguísticos*, 7: 107-136.

Heim, I. (1982) *The semantics of definite and indefinite noun phrases*. Amherst, MA: University

of Massachusetts doctoral dissertation.

Houaiss, A., Villar, M., & de Mello Franco, F. M. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

Kaiser, E. (2000). Pronouns and demonstratives in Finnish: Indicators of referent salience. In *Proceedings of the Discourse Anaphora and Anaphor Resolution Conference* (Vol. 12, pp. 20-27). Lancaster, UK: Lancaster University.

Kaiser, E., & Vihman, V. (2006). On the referential properties of Estonian pronouns and demonstratives. In *Proceedings of the 22nd Scandinavian Conference of Linguistics*.

Kamp, H. (1981) *A theory of truth and semantic representation*. In: Groenendijk, J., Janssen, T., and Stokhof, M., editors, "Formal methods of the Study of Language", p.277-322. Wiley Online Library.

Leitão, M. M., Ribeiro, A. J. C., & Maia, M. (2012). Penalidade do nome repetido e rastreamento ocular em português brasileiro. *Revista Lingüística*, 8(2): 35-55.

Lima, S. & Gomes, A.P. (2016). The interpretation of Brazilian Portuguese bare singulars in neutral contexts. *Revista Letras*, 93: 193-209.

Oggiani Morgas, C. (2011) *On discourse referential properties of bare singulars in Spanish*. M.A. thesis. Utrecht University.

Paraguassu, N. (2010). *A contabilidade dos nomes no português brasileiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Unpublished Ph. D Dissertation.

Pires de Oliveira, R. (2014) *Dobras e redobras do singular nu no Português Brasileiro*. Rio Grande do Sul, Edipucrs.

Pires de Oliveira, R., & Rothstein, S.(2011) Bare singular noun phrases are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, 121(15): 2153-2175.

Pires de Oliveira, R., & Mendes de Souza, L. (2013) O singular nu e a comparação: uma proposta

de derivação semântica. *Revista Linguística*, 9(1): 31-54.

Rothstein, S. (2010a) *Counting and the mass-count distinction*. *Journal of Semantics*. 27 (3): 343-397.

_____. (2010b) Bare noun semantics, kind interpretations and the universal grinder. In *Conference at Bare Nominals and Genericity Conference*, Paris.